

Analisando narrativas orais da Amazônia paraense

Anna Christina Bentes
Universidade Federal do Pará

Neste trabalho, analisarei narrativas orais da Amazônia paraense coletadas pelo Programa “O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense”, desenvolvido na Universidade Federal do Pará. A perspectiva que aqui adotarei será aquela que considera a linguagem como um espaço privilegiado para o estabelecimento de relações entre os interlocutores¹. Considerando que a estrutura da enunciação é totalmente determinada tanto pela situação social mais imediata, como pelo meio social mais amplo (Bakhtin, 1986:113), pretendo, numa abordagem inicial, ao analisar as narrativas, “compreender sua significação em uma enunciação particular” (Bakhtin, 1986:93) e tentar perceber como os elementos que constituem tanto a situação social mais imediata, como meio social mais amplo, de fato, “monitoram” o processo de produção dos textos (Gulich & Quasthoff, 1985:172-173).

Do ponto de vista lingüístico, mais especificamente do ponto de vista da Lingüística Textual, há tradicionalmente duas grandes linhas de interesse na abordagem de textos narrativos: de um lado, os estudos de fenômenos lingüísticos pontuais, tais como tempo verbal, conectivos e marcadores de discurso ou sentenças iniciadoras de textos; de um outro lado, os estudos direcionados para teorias e metodologias que incluem modelos estruturais designados para analisar narrativas inteiras dentro do quadro teórico dos estudos da gramática textual. Nos textos de 1985 e 1986, Gulich & Quasthoff reforçam a necessidade na mudança do objeto da análise da narrativa: em vez de estudar as narrativas como um produto acabado, formulam a proposta de tomar como objeto de análise o próprio processo de produção da

narrativa, já que esta passa a ser considerada parte integral do processo interacional. Para as autoras, descrever a narrativa como um processo interacional significa, em primeiro lugar, tentar analisá-la como uma atividade para a qual, tanto narrador como ouvinte contribuem. Em segundo lugar, uma abordagem interativa vê a narrativa no seu contexto interacional mais amplo; isto é, se faz necessário perguntar qual a função da narrativa em uma determinada situação.

Isto significa levar em conta (i) que a narrativa não tem uma função intrínseca baseada em informações semânticas, ao contrário, na situação interacional, o narrador e o ouvinte atribuem uma ou mais funções à narrativa; (ii) que estrutura e função não devem ser vistas como categorias mutuamente excludentes; ao contrário, a interrelação entre estrutura e função deve ser explicitada. Finalmente, as autoras afirmam que as postulações feitas estão baseadas em uma orientação interacional, em uma perspectiva lingüístico-discursiva que, no entanto, também leva em consideração aspectos cognitivos tais como o planejamento e o processamento de uma narrativa.

As narrativas a serem analisadas neste trabalho, que fazem parte do corpus acima referido, apresentam um forte caráter institucional: um estudante universitário, falando em nome de um grupo de pesquisadores da instituição universitária, pede a um interlocutor que lhe conte uma estória para fins de registro e análise. Apesar de toda a tentativa de fazer com que as narrativas ocorram da maneira mais espontânea possível, não se pode deixar de levar em conta que não se trata aqui, pelo menos na grande maioria das situações, de uma interação simétrica, onde todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra, mas sim de uma interação assimétrica, onde apenas um dos interlocutores detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade (Koch, 1992:70-71). Transcreverei agora um exemplo de uma interação assimétrica entre os interlocutores.

- (1) A - Seu nome?
 B - Dona Esther ... de Jesus Carvalho ... pode?
 A - Sua idade?
 B - Óbidos.
 A - Não ... a senhora nasceu em Óbidos né? ... não ... nasceu em Flexal.
 B - Em Flexal.
 A - A senhora mora atualmente em Óbidos?
 B - Óbidos.
 A - Sua idade ... a senhora está com quantos anos?
 B - 83.
 A - 83? ... a senhora num ... cursou algum ... alguma escola?
 B - Cursei ... mas não formei.
 A - Não?
 B - Seu Francisco.
 A - Chegou até que série? 1ª. ? 2ª. ?
 B - 1ª.
 A - 1ª série? ... Ah tá ... e::: ... a senhora tá em Óbidos desde que ano? ... desde ()
 B - Hum ... num tem data.
 A - Há muito tempo?
 B - Ichi, meu filho ... todos meus filho nasceu em Óbidos ... tudos todos todos ... nasceu o mais velho ... o mais criança ... são três filho tudo nascido em Óbidos ... (já estou anos e anos em Óbidos) ... agora num me lembro das data.
 A - E a profissão?
 B - Doméstico.
 A - Doméstica ... né?
 B - Doméstico ... sempre ... positivo
 A - A senhora tem alguma estória pra me contar?
 B - Não me lembro meu fio deixa eu vê eu preciso pensar ... eu ando esquecida ... meu fio ... muito esquecida ... meu fio desse ()

(Pesquisadora: Maria de Nazaré M. Silva. Informante: Ester de Jesus Carvalho)²

Depois da negativa inicial, a informante enuncia a estória abaixo:

(2) B - *Era um ... um grande pescador ... do Amazona (3.0) ele () ele pescava ... noite e dia ... mas quando foi uma noite ... a onça saiu no meio do Amazona correu atrás dele ... Metros e metros ... chegou na/na beira do la/lago Amazonas ... subiu numa árvore ... ficou lá até/até o amanhecer ... que a bicha foi embora ... isso aí ... daí esse é o resto ... da primeira vez nós escapou porque Deus quis ... que a bicha é fera perigosa ... isso aí.*

(Pesquisadora: Maria de Nazaré M. Silva. Informante: Esther de Jesus Carvalho)

Um primeiro aspecto a ser observado é que a passagem de um tipo de evento discursivo para outro, ou seja, de um diálogo assimétrico para um monólogo, nem sempre se dá de uma maneira tranqüila. Quando o entrevistador faz a pergunta “a senhora tem alguma estória pra me contar?”, logo depois de perguntas de caráter mais informacional, ocorre uma mudança não só do sistema de participação na interação, mas também no tipo de processamento de discurso que é exigido do entrevistado. Contar uma estória também resulta da capacidade de lembrar os eventos ocorridos em um tempo passado e de transformar esta experiência (pessoal ou não) em uma forma narrativa. No exemplo acima, a informante enuncia o motivo de ordem cognitiva (o de não se lembrar dos acontecimentos) que a leva a não desempenhar, pelo menos momentaneamente, o papel de narrador que lhe fora determinado pela situação.

Segundo Grice (1967, apud. Dascal, 1982), os participantes de uma interação vão ter basicamente a atitude de cooperar, ou seja, de levar a interação a um bom termo. Além disso, no caso deste tipo de interação, os participantes parecem também entender o ato de contar estórias como parte de uma atitude social mais geral, onde os participantes da interação, além de um objetivo informacional, parecem também desejar reforçar

as situações comunicativas em que o ritual de narrar estórias oralmente seja cumprido e repetido. Assim, o ato de narrar, mesmo em situações altamente institucionalizadas, faria parte de uma atitude de valorização da tradição oral por parte dos interlocutores.

Com relação às atividades de composição de textos, ou formulação “*latu sensu*”, Hilgert (1993:107) afirma que estas devem ser vistas como uma “proposta de compreensão” ao interlocutor, onde “os fenômenos específicos como interrupções, reinícios, correções, paráfrases e outros” são compreendidos como “atividade de formulação a que recorrem os interlocutores para resolver, contornar, ultrapassar ou impedir problemas, obstáculos ou barreiras com que se deparam no desenvolvimento da construção enunciativa”. É nessa perspectiva que se deve entender as atitudes comunicativas de D. Esther.

Observando o exemplo (2), que foi a estória enunciada pela informante após sua negativa inicial, e comparando com a interação³ que se segue, percebe-se que a informante, ao longo do processo de produção textual, empreende um esforço para alcançar os objetivos comunicativos que lhe foram propostos e que ela assume como legítimo. Koch (1995) propõe cinco tipos de atividades de construção textual: três de formulação fluente, e dois de disfluente. No caso das atividades de formulação textual empreendidas por D. Esther, estas podem ser classificadas, de uma maneira geral, como disfluente. Enquanto o exemplo (2) pode ser classificado como uma formação disfluente que apresenta problemas que são resolvidos pelo falante “*on line*”, ou seja, no momento mesmo da verbalização, como o fenômeno da hesitação, revelado pela repetição de vocábulos de pequeno porte (“na/na beira do la/lago até/até o amanhecer”), na continuidade do processo de formulação textual, D. Esther já começa a apresentar as chamadas reformulações saneadoras, que são derivadas da percepção de problemas após a verbalização de um segmento textual. É de meu interesse discutir como o tipo de interação pode monitorar tanto as mudanças de um evento

discursivo para outro, como os procedimentos de formulação de textos. Vejamos agora uma outra narrativa:

(3) D - (...) agora ... a gente quer melhor ... né
... quer uma de terror né

A - [aquela seu Zé

B - [olha

A - da senhora do do do cemitério

B - é::: (2.10) quando eu morava no interior
... a minha mãe (1.60) sempre via negócio de de de ... de
visage (1.60) e ... morreu uma senhora lá próximo ... o
nome da senhora era (1.60)

C - mãe d'água

B - mãe d'água (1.70) e::: depois que ela
morreu ... apareceu depois de um mês ou dois mês
apareceu um gritadô ... que gritava a Noite (deixa eu vê)
... e::: uma das noite ele passou gritando prum lugar...
chamado Taperinha ... passava por dentro de Quatipuru
... ia até Taperinha ... na volta (1.80) ele veio gritando
quando chegou bem próximo da nossa casa ... ela tava
acordada umas duas horas da madrugada (1.70) ela ...
ouviu bem quando aquele tropé vinha ... fazendo ...
assim como quem vem pisando ... forte (1.60) quando
chegou bem

D - [plôc plôc plôc plôc

B - [do lado da nossa casa ... ele ... aquele
... aquela visage (1.60) assim (parece que) trazia um
Peso ... e arreou ... bem na porta da nossa casa que a
rua passa bem próxima ... ela tava acordada ... ela
espi/espiou pelo buraco da chave ... () o cachorro
começou a latir... no quintal ... aí aquele aquela visage
pegou novamente aquele caixão ... botou no ombro ... e
saiu direto pro cemitério ... nós moramos bem próximo
do cemitério ... e deu mais um grito (1.70) aí ninguém
nu/ela não viu mais nada ... depois disso

(Pesquisadora: Ana Francisca
Informante: José Lisboa de
Avis)

Neste exemplo, onde há a presença de outros participantes além do pesquisador e do informante, o que é interessante observar é que apesar de todo o contexto institucional em que as narrativas são produzidas, com todos os condicionamentos que dele são derivados, este mesmo contexto, em um certo nível, pode ser redefinido e chegar a apresentar um maior grau de informalidade, proporcionado pela participação do que Bublitz (1988:197) denomina de *falante secundário*. Para o autor, o falante secundário é aquele que se manifesta reagindo positivamente ao que lhe é dito através de contribuições menores para o tópico em questão. Estas contribuições do falante secundário ocorrem com o objetivo de dar apoio ao falante primário. No exemplo (3), o falante (C), que não é o entrevistador, constitui-se no falante quando *completa* com a expressão mãe d'água, aquilo que o falante primário, no caso aqui, o narrador, estava dizendo. O falante secundário *completa* o padrão, tanto sintático, quanto semântico, que iria ser enunciado e que foi interrompido pela pausa mais longa feita pelo narrador.

Também é interessante observar que o falante primário, logo em seguida, repete a expressão que foi enunciada pelo falante secundário, tanto para ratificar os conteúdos expressos no preenchimento feito pelo falante secundário, como também para retomar o turno. A onomatopéia executada pelo falante (D), como um "back vocal", superpondo-se à fala de (B), pode ser compreendida, segundo Bublitz (1988), como uma *complementação* ao que está sendo dito pelo narrador. Em ambos os casos, os dois interlocutores, com suas falas, contribuem decisivamente para o sucesso do objetivo comunicacional que foi proposto ao falante primário, narrar uma estória, e confirmam a posição do narrador como falante principal. Nossa hipótese aqui é a de que, dependendo da situação, os interlocutores não irão apenas dar apoio ao falante principal, reforçando o seu lugar, irão também co-construir a narrativa, enunciando uma (ou mais de uma) das partes dela constitutivas propostas por Labov e Waletzky (1967). Assim, um

tipo de interação mais simétrica e o conhecimento compartilhado pelos interlocutores regularia, por assim dizer, a forma e o estilo da narrativa.

N O T A S

¹ Ver Bakhtin (1986), Geraldi (1991), Koch (1987,1992).

² Adotamos as normas para transcrição extraídas de Castilho e Preti (1986).

³ Após a estória da onça, o que ocorre depois entre a informante e a entrevistada, sem nenhum tipo de interrupção, é o seguinte: novo diálogo assimétrico, seguido de uma nova estória, outro diálogo assimétrico e, por último, uma nova estória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1986). Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução Brasileira. São Paulo: Hucitec.
- BUBLITZ, W. (1988). Supportive fellow-speakers and cooperative conversations. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- CASTILHO, A. T. & PRETI, D. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, vol. I: elocuições formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.
- GERALDI, J. W. (1991). Portos de passagem, São Paulo, Martins Fontes.
- GRICE, H. P. (1967), "Lógica e conversação", Fundamentos metodológicos da lingüística: problemas, críticas e perspectivas, vol. IV. Campinas, 1982.
- GÜLICH, E. & QUASTHOFF, U. M. (1986), "Story-telling in conversation: cognitive and interactive aspects". Poetics, vol. 15:217-241, North-Holland, Elsevier Science Publishers B V.
- GÜLICH, E. & QUASTHOFF, U. M. (1985), "Narrative Analysis", Handbook of discourse analysis, vol. 2:169-197, London, Academic Press.
- HILGERT, J. G. "Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual", Gramática do português falado, vol. III. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp/FAPESP, 1993.
- KOCH, I. G. V. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

- _____. A interação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I. G. V. et al. Proposta teórica para o projeto gramática do português falado: subgrupo "Descrição Textual-Interativa", mimeo.
- KOCH, I. G. V. & M.C.P. de SOUZA e SILVA, "Atividades de composição do texto falado: a elocução formal". Gramática do português falado, vol. IV. I.G.V. KOCH (org.), no prelo.
- LABOV, W. & WALETZKY, J. "Narrative analysis: oral versions of personal experience". Essays on the verbal and visual arts. 12-44, Seattle/London, University of Washington Press, 1967.
- QUASTHOFF, U. M. & NIKOLAUS. "What makes a good story? Towards the production of conversational narratives". Discourse processes. pp. 16-28, Amsterdam, North Holland Publishing Company, 1992.